

A MORTE DOS CAFEIROS PERNAMBUCANOS

Prof. D. BENTO PICKEL
Da Escola S. de Agricultura de Tapera

A extinção dos cafesaes pernambucanos e parahybanos data de uns 10 annos, mais ou menos, havendo decrescimo formidavel da producção nos outros que estão em via de definhamento. Ninguem conhece exactamente a causa da morte dos cafeeiros, sendo que uns a attribuem ao "vermelho", outros ao esgottamento da terra ou á pobreza do solo.

Ultimamente, o autor deste teve o ensejo de estudar a causa do definhamento dos cafeeiros nas zonas de sua maior infecção em ambos os Estados, onde o mal está grassando, podendo responsabilisar como agentes do mal um coccideo dactylopüneo (*Rhizococcus lendea* Pickel) que é acompanhado e protegido por uma formiga (*Acropyga pickeli* Borgm.). Não tenho a menor duvida da verdade desta affirmação que não é difficil provar.

Em Pernambuco a doença do cafeeiro é exactamente a mesma que na Parahyba, havendo apenas a differença que no primeiro dos dois Estados o "vermelho" (*Cerococcus parahybensis* Hemp.) não existe. Logo, a doença não pode ser causada por este coccideo. Ruindo por terra esta hypothese que, nos circulos parahybanos, reinava durante uns 6 annos, consideremos, em seguida, a pobreza da terra e o esgottamento. De modo geral, pode dizer-se, que os effeitos do esgottamento deveriam manifestar-se igualmente no mesmo terreno. Da mesma forma si a causa mortis fosse a falta de fertilisantes, certo é, que os effeitos sinistros ter-se-iam mostrado ha muito tempo e não agora somente. Em Caruarú (Pernambuco) achei cafeeiros com 67 annos de idade que estão em pleno vigor, ao passo que não longe delles, nas áreas infestadas, ha outros mais novos, em franco definhamento ou já mortos. Os factos, pois, estão refutando esta theoria.

Resta-me, finalmente, provar ser o coccideo radicular, por mim denominado "piolho branco" (*Rhizococcus lendea*), o causador da morte dos cafeeiros. Deixando de lado as experiencias realisadas em Bananeiras (Parahyba), já publicadas na Revista "Chacaras e Quintaes" (Dez. 1927), passo a citar alguns factos estudados nos cafesaes de Caruarú, identicos aos observados na Parahyba. Os cafeeiros, doentes e mortos estão nitidamente

limitados a certas areas, rodeados de outros, mais ou menos sadios. Estas areas ou focos de infecção bem mostram a marcha centrifuga do mal.

Os cafeeiros doentes não têm parasita alguma na parte aerea, a não ser raramente a *Heucoptera coffeella* Guér. e a *Cercospora coffeicola* Berk et Cooke. Nas raizes, porem, encontrei sempre o referido "piolho branco", a formiga, ás vezes, em grande quantidade e larvas de cigarras. Nas arvores quasi mortas acham-se os piolhos em pequena quantidade que, evidentemente, desapareceram, devido seja á exiguidade da seiva do cafeeiro parasitado, seja ao desaparecimento da formiga protectora, cujos canaes e galerias estão vãos. Na periphéria do foco os piolhos acham-se em grande quantidade, mesmo nos cafeeiros aparentemente vigorosos. Longe destes focos os cafeeiros são completamente bons, sem vestigios dos piolhos e das formigas, pois que nem galerias ha. Entretanto nestes mesmos pés de café, encontrei quasi sempre o piolho, que talvez seja o *Pseudococcus citri* (Risso), denominado pelo povo de "mofo", devido aos flocos brancos de cera animal, em que se acham envolvidas as ninhadas deste piolho.

Estes factos verificados amiudadas vezes obrigam-me a responsabilizar pelo mal do café o "piolho branco" e a formiga,

No entanto, quero mesmo acreditar, que tambem outros factores contribuem para agravar o mal.

Fossem os cafeeiros fortes e viçosos, tivessem protecção e trato convenientes, resistiriam melhor aos parasitas. O organismo fraco é mais facilmente victimado pelos agentes pathogenicos do que o sadio. O cafeeiro, na latitude de Pernambuco, necessita de sombra, ao menos até a altitude de 600 mts. acima do nivel do mar. Conhecendo a utilidade da sombra, os cafeicultores caruaruenses deixaram para este fim o "camondongo" das capoeiras, quando installaram os cafesaes actualmdnte em definhamento, mas mesmo assim, as arvores de sombra não são sufficientes, porque não foram plantadas em ordem. Os cafeeiros sombreados estão com melhor aspecto, embora atacados do mal e resistem por mais tempo. Nos cafesaes extinctos ha dez annos anda hoje se veem cafeeiros bonitos debaixo da sombra do cajueiro; outrosim em todos os logares, onde cortaram as arvores de sombra, tambem os cafeeiros morreram.

Alguna culpa se pode attribuir tambem á falta de humus, que nas encostas muito inclinadas, onde ficam installados os cafesaes, é arrastado constantemente pelas enxurradas em detrimento da planta.

O clima, por sua vez, influe sobre o crescimento do cafeeiro. Em Pernambuco, não se torna arvoreta grande como em São Paulo, ficando

apenas com porte arbustivo, apresentando varias hastes e crescendo mais em diametro do que em altura. Esta propriedade alias é de grande utilidade na colheita, mas o cafeeiro apresenta-se de porte rachitico e pouco desenvolvido. De certo, desenvolver-se-ia muito mais, si fosse plantado á maior distancia. Esta, em Caruarú, é de 1.20 mts. \times 1.40 mts., ao passo que em S. Paulo observam a distancia de 4.00 \times 3.30 mts., mais ou menos.

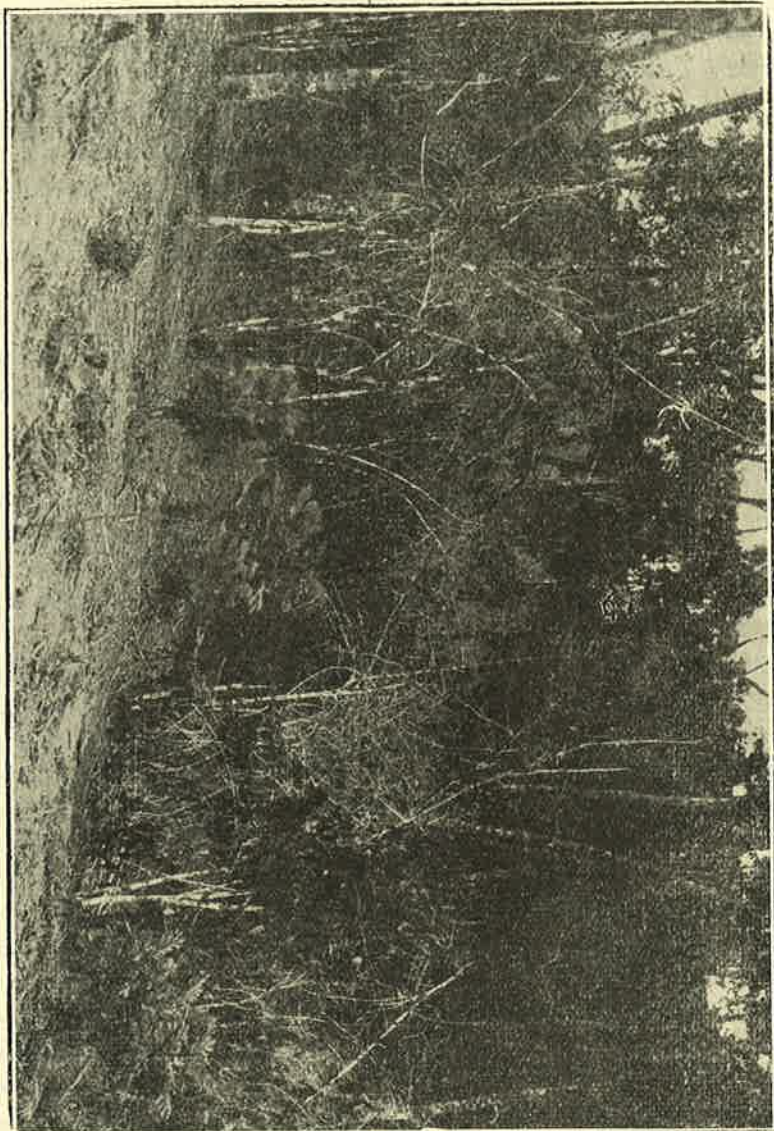
Outrosim o preparo das covas para o plantio, a estrumação e a poda contribuem para o melhor desenvolvimento da planta, garantindo maior longevidade. Apoiado em informações fidedignas posso affirmar que os cafesaes extinctos de Caruarú não attingiram idade maior de 20 annos e os que estão morrendo têm a mesma idade, faltando-lhes precisamente os requisitos apcntados. O terreno dos cafesaes infestados é desprovido de humus, sem protecção contra as enxurradas, e as arvores não recebem covas bem preparadas, as sachas necessarias, nem o devido trato como podas, limpeza do tronco, etc, operações que nesta terra não se conhecem.

Assim vê-se que nos cafesaes caruaruenses o erro foi fundamental e, para corrigi-lo, é tarde; mas deve ser evitado nos novos. Podia-se, entretanto, estimular o viço dos cafeeiros, incorporando ao solo boa quantidade de terriço, como tambem arrancando as arvores intermediarias para dar maior espaço ás remanescentes, plantando arvore de sombra e fazendo com escrupulo os tratos culturaes.

A debellação do mal dos cafeeiros de Caruarú, da qual fui incumbido pelo Governo do Estado, acho-a difficilima, devido á extensão da praga, e ser quasi impossivel matar os parasitas sem prejudicar as plantas. Julgo necessario exterminar os cafesaes muito atacados e ristringir o combate dos parasitas aos fôcos de infecção esparsos pelo cafesal. Ensaaiando a debellação, consegui bons resultados com o cyaneto de sodio a 0,3 %, pois morreram as formigas e os piolhos. Foram regados os cafeeiros doentes com dez litros de solução venenosa cada um. A este tratamento devem seguir sachas profundas nas ruas e nos saltos, afim de destruir os canaes do formigueiro e matar o piolho existente em todo o terreno do fôco. Isto, porem, pode ser feito só no inverno (1) ou, quando a terra fôr humida, afim de não mortificar a planta pela destruição parcial do systema radicular e, ao mesmo tempo, fazer penetrar o liquido venenoso, o qual no verão não chega até as raizes mais profundas, graças ao mau estado de embebição da terra resequida.

Os *prejuizos* são avultados. E' terrivel a devastação lavrando em quasi todos os cafesaes de Caruarú e, dia a dia, toma maior proporção.

Varios cafesaes já são extinctos, ha annos, outros estão quasi mortos, servindo apenas para lenha, e o resto se está acabando. Em poucos annos



Um cafesal de Caruarú em franco definhamento embora protegido por arvores de sombra. tudo estaria aniquilado, si o governo, de boa hora não tivesse tomado medidas energicas.